

A DESORDEM NATURAL DAS COISAS

*«Vou para casa, menino,
vou para onde me querem.»*

William Saroyan

Dali se via o largo. Que ele costumava atravessar um pouco depois das sete. E a loja também, do outro lado do largo. Se se podia chamar largo àquele chão sobre o triangular, bicudo.

Puxava o banquinho de tabua, sempre arrumado entre a parede e o cortinado, trepava, ficava à espera. Até que, à hora habitual, lá vinha ele, falando a toda a gente, bigode de guias retorcidas, olho azul, uma simpatia de senhor, o seu avô. Já sessentão. Mas ninguém o diria, no vivo moirer da loja, com os seus ditos mais ou menos brejeiros, dependia dos casos, mas, no fundo, que inocência! Certas freguesas pelavam-se por aquilo. Chegavam a fingir que apreciavam chitas e cretones à entrada da loja só para dar tempo a ser ele a atendê-las. As meias eram caras? Mais baratas só se o deixassem calçar-lhas. Risinhos afogueados. «O senhor Alves há-de ser o meu padrinho.» Para o ouvirem dizer: «Sim senhora, mas à espanhola: a primeira noite é minha.»

A mulher sabia, achava graça, era o negócio. E tinha mais em que pensar. Vigiar o serviço, andar à volta das panelas para o almoço, ao meio-dia, e para o jantar, às sete e meia em ponto. Que, quando

ele metia a chave à porta num vendaval de boa disposição, já queria a sopa na mesa. Só então toda a casa realmente existia.

Mesa comprida e larga, repousante. Posta com mais esmero para o jantar sempre moroso, com notícias pitorescas, «num balcão sabe-se tudo», a que ela acrescentava qualquer nova da vida dos vizinhos. Toalha muito branca. As garrafas bojudas, adelgaçando-se de chofre pelo gargalo acima até à rolha, também de vidro, terminada em bico. A fruteira de prata, bem no centro da mesa, com dois pratos sobrepostos paralelamente: num, a fruta da estação; no outro, nozes, avelãs. E os guardanapos engomados de fresco, tão brancos como a toalha, cada um em sua argola, a que depois voltavam, dobrados pelos vincos, quando a criada (da província) vinha com o limpa-migalhas, ainda ele estava a partir nozes, e servia o café. Sem falar na compoteira, de vidro verde translúcido, estrategicamente colocada na última prateleira do aparador, onde haveria figos passados, abóbora coberta.

Não era raro mais um talher. Um parente, um amigo. Elogiavam os manjares, saboreavam o licor de fabrico caseiro, ficavam para o serão. Jogo do loto (a feijões), bisca lambida, uma olhadela ao jornal que o ardina levava ao fim da tarde. «Vai abrir, o troco é para o rapaz.» E em tudo aquilo um clima de ilha. De instintiva e obstinada resistência à vida da cidade. Onde «elas», dizia ele, aos doze anos já estavam todas «esfoladas». Fossem lá à sua terra. Um dia, quisera roubar um beijo à que ia ser sua mulher para toda a vida e toma lá! Recebera um bofetão que lhe partira um dente. «Aqui. Vêem? Pôr um posticho, nem pensar. É uma recordação.» O que ela ouvia ainda com uns restos de pudor. «Eram outros tempos.» Ele esbugalhava os olhos: «Outros tempos? Isso é que eram tempos!»

Mas já não há largo algum. Nem avô. Nem avó. Ergueram ali um prédio grande arredondando a esquina. Por isso não se vê agora a outra rua. Nem a loja. Horizonte moderno, mais gente e menos espaço.

— Tem de esperar um pouco. Não demora.

Tanto melhor assim. Vê mais à sua vontade esta sala, que parece muito mais pequena. A memória aumenta, engana, mente. Em vez dos móveis dos avós, dos retratos de família, do corti-

nado, atrás do qual estava sempre à sua espera o banquinho de tabua, uma mesa de corte, um manequim, cadeiras carregadas de entretelas, cetinetas. A pintura das paredes é que é ainda a mesma. Cor de sangue-de-boi. Com grandes zonas que foram perdendo o brilho, pedaços de reboco à mostra. Como um palácio abandonado onde tivessem instalado uma oficina, sem olharem à cor e ao estado das paredes.

A memória aumenta, engana, mente. O palácio era aquilo: um andar bem pequeno-burguês, com mobílias sem estilo, o pseudo-tapete persa, molduras douradas com arrebiques nos cantos. O tom escuro foi ideia do pintor. Que era mais fino. «Tudo a óleo. Fica caro mas é para a vida inteira.» E está-se a ver que sim.

Chamava-se Ismael o homem, do que fica muito lá para trás é que a gente se lembra bem, magrizela, chupado. Por causa do cigarrinho a toda a hora, habilmente enrolado com as mãos sujas de tinta, esse veneno. Escadotes, baldes, brochas, demãos e mais demãos, intervalos para secagem, um cheirete a terebintina que empestava a casa toda. Esse também já não é vivo, com certeza. O artista passa, a obra fica.

A raparigota que o mandou entrar atravessa a sala num virote, um ferro de engomar na mão e «não demora, não demora, é só mais um bocadinho».

Pela porta de comunicação, toda de vidro martelado do puxador para cima (era o seu quarto de estudo), chegam-lhe frases soltas, interrompidas por silêncios demorados. «E assim? Quer mais comprido?» As várias fases duma prova.

E, enfim, cá está o alfaiate. Gorducho, baixo, levando à porta o seu freguês. «Pode ter a certeza, no sábado está pronto.»

— Fará favor de desculpar. Era uma provazinha, não convinha interromper.

Risonho, mesureiro. — É um fato?

Vê-se à légua que está sempre à espera dum freguês dos antigos e que odeia, em silêncio, o pronto-a-vestir, que deu com a arte de pantanas.

Pergunta, responde, diz os preços, lamenta o custo dos avios, o da mão-de-obra. É com ou sem fazenda? E que modelo? Jaque-tão? Paletó? E completo, com colete?

— Não, não quero um fato. Talvez só um casaco.

— Talvez? — pergunta o homem, meio desiludido, mantendo embora o sorrisinho untuoso. — Tipo *sport*?

Peças de fazenda variadas. Empilha-as na mesa. Desdobra-as, uma a uma, com cuidado, uma quase ternura.

— Estas não se amachucam.

Aperta-as muito na mão, larga-as, mostra-as com certo orgulho, só tem artigos de primeira.

— Veja bem, por favor. A mais pequena ruga. Disto não há já feito por aí. Vamos às medidazinhas?

Ele hesita. As medidas são tiradas aqui mesmo e não no quarto ao lado, que é o que mais lhe interessa visitar. Terá pois de se dispor a fazer o casaco se quiser lá pôr o pé mais tarde.

— E os botões? Quer dois ou três?

O homem toma nota.

— Se não se importa, é costume um sinalzinho...

Dá o sinal, despede-se até para a semana, volta à rua.

Que não se diria a mesma. O tempo passa, meu velho. É essa a única verdade indiscutível deste mundo. Por ali se deixa andar, ao Deus dará, na esperança de reencontrar o que afinal já não existe. E dá consigo no lugar exacto onde foi a loja do avô. Que é agora um café. Assim as coisas mudam, sem deixarem sinal. Uma bica? Sim senhor, pode ser uma bica.

Um caixeiro aperaltado, mas sem cara, enrola peças de pano, ao lado dum homem folgazão a atender para a esquerda e para a direita, o dia inteiro é uma festa. O enrolar duma peça tem segredo, ourela sobre ourela sem o menor desvio. Há quem o faça depressa, mas depressa e bem há pouco quem, é tarefa morosa. Onde havia um balcão de madeira envernizada, com fingidos, há agora estas mesinhas verdes, de tampo rebrilhante, frascos de boca larga, um frigorífico no canto.

Pega na chávena, leva-a quase até à boca, volta a pô-la na mesa.

À sua volta, jovens. Mascando *chiclets*. Estiraçados nas cadeiras. Falando todos muito alto. Como o filho, neste mesmo instante, em qualquer café assim ou noutra lado. Pensa no filho, não na filha. Eles e elas, *jeans*. Camisolões. De cores variadas,

sobre o sujo. Mas não os tomes a sério. Este desmazelo é fabricado. Fazem luxo nisso.

Numa mesa ruidosa, é gente muito nova, muito alegre, um parzinho vai-se chegando, aconchegando, iniciativa mais dela do que dele, acabam por beijar-se. Só na cara. Depois no queixo, por graça. Enfim na boca. Como vêm no cinema, na TV. Mas sem demora. É só rotina.

O café tem uma montra larga junto da mesa que escolheu. Entre garrafas e grandes caixas de bombons, vê, no outro lado da rua, uma porta de escada, que tem o número 10. Exactamente. Por esse mesmo número 10, saem e entram duas irmãs da mesma idade do que ele. Há quantos anos? Ditinhos, risos, piscadelas de olho. Saem, voltam, cabelos lisos e fofos, muito iguais, a mesma franja direitinha, parece sempre que acabaram de tomar banho, de vestir-se de lavado. O escândalo do sítio. É que andam a aprender bailado. E isso, danças, palcos, perna à vela, a gente sabe como é. E a mãe? Como é que a mãe consente? Estrangeira. Ah é estrangeira, não ponhas mais na carta. O avô atende-a bem, não está ali para outra coisa, mas, com ela, mede as suas palavras. Ele é que não mede coisa alguma. Acha as filhas um deslumbramento, sobretudo a menos alta, mais à sua dimensão, que, por sinal, se chama Gerda. Um nome áspero, de lixa número um. Que vai mal com aquele ar sereno e luminoso, aqueles vestidos muito leves, suspensos dos ombros por laços de fita sedosa e estreita que lhe deixam o colo e os braços nus. Braços brancos, macios, como a pele da cara, levemente rosada, que o faz pensar em porcelana e pétalas de flor.

Passou a ir muito à loja, só para as ver sair, entrar, aguardando um encontro fortuito, uma aproximação, que maluqueira! O que veio a acontecer inesperadamente, como tudo o que mais conta nesta vida. O caixeiro tivera de sair. E o avô, que não queria ali fidalgos, pôs-lhe um embrulho nas mãos: «Vai levar isto à estrangeira. É no segundo andar. Mas não te demores, vê lá!» Num alvoroço, ei-lo a galope pela escada acima, a quatro e quatro. E é a Gerda que abre, meu Deus!, é a Gerda que abre, a própria Gerda ali na sua frente, com a franja fofa e direitinha, os olhos transparentes e toda a sua sedução de sabonetes caros,

espuma, transparências. E ele de coração à boca, por causa da emoção e da escada a galope. Fitam-se, enleados. Com a candura própria de crianças, que ambos são. E então passou a inventar toda a casta de pretextos para sair e apanhá-las no regresso a casa. A irmã apressa o passo como quem não quer a coisa, deixa-os para trás a conversar, não é mais nada do que isto: conversar!, até que ela diz «adeus, adeus», desata a correr ou a voar, ele vê-a a voar, apanha a irmã e entram juntas no 10, como se nada fosse. Neste mesmo número 10. Naquela mesma porta baixa e larga, muito escura lá para dentro e já tão velha como hoje.

O avô, claro que tem faro: «Cuidado, rapaz! Isto são umas cabras!» E ele a morder os lábios para não dizer o que lhe vem à boca. Até que um dia (catástrofe!), a estrangeira mudou-se, adeus Gerda para sempre.

Vê disfarçadamente os jovens da mesa ruidosa, que nem dão por ele, é natural. Sobretudo o parzinho que, lá de vez em quando, uma beijoca mais. Observa-os sem censura. Outros tempos. Faz-se hoje às claras o que antes se fazia ocultamente ou não chegava a fazer-se, com consequências desastrosas. Bordéis, masturbações, recalamentos. Ele e a Gerda aqui, neste mesmo café, trinta e tal anos depois, que fariam?

E outra vez pensa no filho, agora também na filha. E um pequeno problema começa a crescer nele: contará à mulher esta ridícula aventura? A súbita saudade que o trouxe até aqui e a irrisória decisão de encomendar um casaco só para ver certa casa por dentro?

«Chica, que estou farto!»

«De quê? De que é que tu estás farto?»

Tinha-o filado pelo pulso. Impede-o de sair, obriga-o a sentar-se, ainda tem força para isso.

«É assim que se fala à sua mãe?»

Aos gritos. Sabendo muito bem que é inútil gritar.

«Vais já pedir-lhe desculpa. Não admito que faltes ao respeito à tua mãe.»

«Faltei-lhe ao respeito em quê? Ela é que anda sempre a chatear-me e eu já não sou nenhum puto.»

Calma. Não te exaltes. Não recomeces a gritar.

«Primeiro, vais acabar com essa linguagem, ao menos aqui em casa. Depois vais pedir-lhe desculpa. Não te esqueças de que é a tua mãe.»

«Desculpa, desculpa. Lá vem a história do costume. Passo a vida a pedir desculpa. Que é que isso adianta?»

«Adianta, sim. E quem manda aqui sou eu.»

«Ah é? Então afinal a mãe não manda nada? Cá registo.»

Sobretudo, não grites. Nem lhe batas, cuidado.

«Por que esperas? Vai fazer o que te disse.»

Mas já pede mais que ordena, é o costume.

O rapaz, estiraçado no meiple, tem as pernas estendidas, equilibrando o tacão dum sapato na biqueira do outro. A sua grenha alourada parece não ver pente há meses.

«Como hás-de tu entender-me alguma vez?»

Grande espreguiçadela:

«O que eu entendo é que tenho a miúda à espera e por este andar não saio daqui ainda hoje.»

«Pois não. Enquanto não fores pedir desculpa à tua mãe.»

Mas nisso tem o rapaz razão. Pedir desculpa não adianta nada. Como não adiantou. Nem dessa nem de outras vezes.

E, entretanto, o café arrefeceu completamente. Não lhe toca, paga, sai.

E vai encontrar a mulher cantarolando (bom sinal, ainda há coisas boas nesta vida) a preparar o jantar. Emergindo, assim, é uma aparição!, do longínquo halo acolhedor da sua própria infância. Ele pula à volta da mesa, é a altura, entre todas festiva, de rapar o tacho. Rapar tachos é com ele, deixa-os como que lavados. Os primeiros ruídos no mundo ainda imerso na tranquilidade nocturna. O cheirinho a café fresco que vem de lá, do algures misterioso que, a essa hora, é a cozinha, coração da casa. Uma gaveta que se abre e fecha, porta ainda trancada, um lar. Em qualquer recanto obscuro de si mesmo, esta música distante de um clima de paz e entendimento, através de tudo, se mantém. Clima de apoio e convivência e conivência, quer no bem, quer no mal, a que chamam família. Se acaso isso ainda existe. Se alguma vez existiu. Se não é só uma ilusão que faz falta conservar. Um refúgio. Um ajuda-me sem esperar nada em troca. Qualquer coisa

para lá, mas muito e muito para lá das diferenças de idade, de gostos, dos níveis de instrução. A voz do sangue? Existirá afinal a voz do sangue? Distância esmaecida e, no entanto ou por isso mesmo, fascinante. Inocência protectora das origens. Mão puxando a dobra do lençol, aconhegando a roupa, tecendo a invisível teia que une tudo, tudo defende e cria. A noite de Natal, a grande mesa, todas as noites eram noites de Natal, tu mentes, sabes bem que mentes, precisas de mentir, com a lareira (que nunca houve) acesa, as grossas pinhas estalando, onde é que isto vai dar?

Como a avó e como a mãe, a mulher tem a seu cargo as compras, a cozinha, a roupa, toda a casa. Destino igual e secular: harmonizar gente e coisas, preservar a essência delas, ser o centro de tudo. Com uma diferença importante: já não há criadas. E outra, tão importante como essa: ela parte para o trabalho à mesma hora do que tu. Então?

Beija-a no cabelo, sem esperar que ela se volte, está toda entregue ao seu fogão.

— O João está em casa?

— Lá vens tu. O rapaz, também, não pode estar sempre aqui metido.

— E a Helena? Telefonou?

Sempre a mesma pergunta. Há três semanas. Ela, seca:

— Ainda não.

Como se fosse apenas cedo para a filha ter telefonado. Também ela chega a casa com a voz da Helena nos ouvidos. Mal o telefone toca, larga tudo. Está? Está lá? Mas é sempre uma colega a falar disto e daquilo, algum recado para o marido, muitas vezes engano.

Põem quatro talheres na mesa. Compenetradamente. Para eles, para o João, para a Helena. É uma esperança. Pode ser que ainda venha.

Engolem a sopa no silêncio, ele a remoer naquilo: conto-lhe, ou não, a ridícula romagem ao bairro que só existe no armazém de velharias que é a minha cabeça?

O João poderia ser diferente. A Helena poderia estar aqui com eles, como antes. Ele, desdobrando o guardanapo: «Adivinhem

para o que hoje me deu.» Contaria. E todos ririam, ele também, daquela saudoseira. «E encomendaste mesmo esse casaco? Oh pai!» A mulher, por sua vez, havia de contar qualquer recordação da sua infância, há sempre cenas gostosas da infância para contar, a infância fica muito longe, põe-se nela o que se quer, já não dói, já não é nossa. A Helena: «Quer então dizer que estão a ficar velhotes, os meninos.» A mãe, num riso aberto: «Achas que sim?» A Helena, que sim, que essas grandes saudades da infância, hum, isso é mais que suspeito. Riem de novo. Todos riem.

Mas se o João fosse diferente e a Helena aqui estivesse, como antes, como sempre, ele não teria feito aquela visita absurda nem a encomenda, ainda mais absurda, do casaco.

— Lembras-te?

Que não. Que não se lembra nem se quer lembrar de nada. Mas lembra-se tão bem! Ainda antes de o João nascer. Agora, sim, tem um sentido a vida. Mudar fraldas, ferver biberons, o banho. A tão feliz inexperiência de um e de outro. A Helena de colo. É mesmo a tua cara. A Helena gatinhando. A alegria inocente com que iam buscá-la à escola, a levavam à praia. As noites mal dormidas porque, vê lá, parece que está com febre. É dos dentes. Ali, não vês?, uma pontinha branca. E crescendo (já toma conta do irmão), adelgaçando, olhando muito para o espelho. Concedes a vida antes dela? Antes deles?

E, um belo dia, aquilo. Já terminara o curso e se empregara há tempo. Que queria sair de casa.

«Queres o quê?» — diz ele.

«Sair de casa.»

«Não percebo.»

E não percebe mesmo. Nem ele, nem a mulher, que faz sinal à filha, a leva para a sala, ali se fecha com ela.

«Conta lá.»

«Que quer a mãe que lhe conte?»

«Alguma coisa se passa. Desabafa. Não precisas de esconder seja o que for.»

E ela, que não tem nada para contar. Que quer fazer a sua vida, nada mais. Perturbada. Mas, mais que perturbada, impa-

ciente. E, mais que impaciente, inabalável. É maior, não é? Também ela invoca agora a situação de «ser maior» como se a tivesse conquistado a pulso, com trabalho, grandes rasgos de génio. «O que ganho chega bem para viver, não chega?» Chegar ou não chegar para viver. Nada mais conta? Crescera então com ela, a sua filha, uma Helena diferente, de que desconhecera tudo. Essa outra Helena, enervada, temendo que as forças lhe faltem para chegar ao fim.

«Já aluguei um quarto.»

«Já alugaste o quê?»

«Um quarto, mãe.»

«Oh Helena! Tu foste sempre tão sensata! Conta-me o que se passa. Tudo terá remédio. Tem de haver um motivo.»

Mas não há outro motivo. Quer fazer a sua vida como toda a gente. Precisa de ser livre, de ser ela, de encontrar-se.

«Aqui tu não és livre?»

Que não. Que ali não é nem nunca poderá ser livre. Mas porquê? Ninguém lhe pede contas. Nunca houve sombra de conflito.

«E se casasse? Se casasse, não saía de casa?»

Não responde logo, a mãe. Que terá produzido uma mudança assim? Em que terão errado? Diz apenas:

«Sair de casa para casar não é bem o mesmo.»

E sente logo que, dizendo-o, afasta a filha ainda mais. Há qualquer coisa, inexplicável, que foi crescendo ali entre eles, sem que ela se apercebesse, e foi tornando o ar irrespirável para a filha, será isto? Ou será só o ar dos tempos? Fazer o que outras fazem?

«Virei cá jantar, se assim quiserem. Ver-me-ão, pois, todos os dias. Tragédia nenhuma, como vê.»

Que a veremos — observa a mãe para consigo. Não que *nos* veremos. Acedendo, portanto, a manter um contacto diário só por eles, não por ela. Algo se quebrou para sempre.

Durante bastante tempo, a Helena aparecia pontualmente à hora do jantar. Passava o serão com eles. Falava muito. De gente que eles não conhecem nem têm grande interesse em conhecer. Casos que nada lhes diziam senão que é aquilo agora a vida dela. Mas depois, volta não volta, o telefone: «Hoje não posso ir aí.» Apressada e alegre. Sem saber ou não querendo saber que, para eles, começava a longa espera até à hora do jantar do outro dia.

E as visitas foram-se espaçando. Desta vez, há três semanas que não sabem nada dela. O João desanda ainda a mastigar, vai ali para comer e para dormir, não soou ainda a sua hora. Eles abrem a televisão, olham ou não olham, é isto envelhecer.

Já estão no fim do jantar, quando o filho chega, diz «olá!», se senta e pede à mãe que não leve muito tempo a dar-lhe a sopa.

— Devias comê-la fria. Para aprenderes a chegar a horas.

Diz o pai.

Mas o filho abre um pão, barra-o com manteiga e, já de boca cheia, espeta o queixo para o talher do outro lado da mesa.

— Então a visita não veio? É para admirar. Tão cumpridora, tão amiga da família. Ela é que é amiga da família, não é isso?

O pai:

— Não fales assim da tua irmã. Não se sabe o que terá acontecido.

— É verdade, não se sabe.

E o rapaz ataca a sopa com visível apetite, cotovelos fincados na toalha, os cabelos e a boca quase em cima do prato.

— Não estejam para aí ralados, que mania! Até parece que gostam de andar sempre ralados. O pior é a gaja com quem ela agora anda. Mas não há-de ser nada.

— Tu sabes alguma coisa?

— O que é que não se sabe?

O rapazelho funga, sorve a sopa com ruído, marca assim a sua imensa vantagem sobre os dois.

Ela lança ao marido um olhar desesperado: espera, deixa-o falar, não estragues tudo.

Tira o prato da sopa, põe na mesa o guisado.

— Ó mãe! Guisado! A mãe sabe que não gramo guisado!

Mas come com vontade, ensopando pão no molho, repetindo. E, como não parece disposto a voltar ao assunto, a mãe pergunta o que ele espera que ela lhe pergunte desde o princípio da conversa:

— Sabes a morada dela agora?

Limpa o prato com pedaços de pão, mastiga-os devagar, bebe o resto do vinho. Estão as coisas chegando onde ele as quer.

— Por acaso até sei.

Novo olhar entre os pais. Cuidado.

— Não queres fruta?

— Não há doce?

Ele sabe que não. Que os velhos são daquela geração que reservava o doce para certos dias, certas datas. Porque a fruta é melhor para a saúde, etc. e tal, essas balelas.

Come um pêro à dentada e, ainda trincando o pêro, põe-se a falar, muito vejam-lá-tenham-cuidado, como se fosse a única pessoa sensata ali presente.

— Vocês têm de entender. As coisas mudam. A gente hoje é diferente. Toda a malta conta as chatices que tem em casa, as baracadas. E às vezes, fiquem sabendo, até com pena. Mas a velhada julga que pode andar com os filhos pela trela como cãezinhos de luxo. E a gente não quer. O melhor para todos é aprenderem isto duma vez: a gente não quer.

À cautela, a mãe pega na mão do marido, mete-a entre as suas, carinhosamente, como a um pássaro ferido. Tem os olhos nos do filho. Espera.

— A Helena, por exemplo. O que é que vocês querem? Eu não ganho o meu pão, já se sabe, já estou farto de ouvir isso. Aqui me têm a comê-lo. Estudar não gramó, também é a verdade. Quero uma motorizada, não ma dão. Pronto, acabou-se. Mas a Helena é uma mulher. Metam isso na cabeça. Já repararam que a Helena é uma mulher? Ganha a sua vida, como diz o pai, não ganha? Pode ser livre. Ou não?

— Mas ser livre impede-a de dar notícias?

E a mãe, no mesmo tom, quase de igual para igual:

— Achas que alguma vez a tratámos com dureza?

O rapaz vai inchando. Só quem lhe vê a peitaça, os olhos malandrecos.

— Talvez... Não sei. Nunca se sabe onde as tricas começam. Há lá no grupo uma miúda que saiu de casa nem ela sabe bem porquê e já está, caiu na droga.

A onda negra da droga. O Bruno que deixou um bilhete aos pais («Voltarei daqui a dias. Empenhei o blusão. Não se apoquentem») e foi encontrado morto uma semana depois.

— Tu pensas que a Helena?...

— Não, não. Lá estão vocês. A Helena não é dessas. Mas não há só a droga. Ou há?

Respiram fundo. Está-se esboçando ali uma espécie de ponte. Os três, à volta da mesma mesa, pensando na Helena. Novidade. Alguma esperança.

Não esquece a mãe que, ao mínimo deslize, o João se escarpá. Teme a impaciência do marido. Conserva-lhe a mão entre as dela, aperta-a muito: não fales, espera, isto não se repete. Mas é pedir de mais.

— Não podes dar-nos a morada da Helena? O telefone?

O rapaz empertiga-se. Que é lá isso? Depressa, porém, se estiraça novamente na cadeira, encolhe os ombros.

— Vocês não querem perceber, está visto. Traições não é comigo.

E tira um novo pêro, que rico pêro, é um bravo-de-esmolfo.

— Sabes ao menos se está bem?

— Isso não sei.

O pai sente, na dele, as mãos da mulher tremerem.

— Não sabes nada? Ou não sabes bem se lhe aconteceu alguma coisa?

— Que chatice. Já disse que não sei. Não posso dizer mais nada. E agora acabou. Tenho de ir indo.

Já está de pé, enchendo o peito de ar, puxando as calças, mas espantado. No ponto em que as coisas estavam, esperava que o retivessem, o quisessem espremer. Mas os velhotes nem palavra, são burros mesmo ou são espertos de mais, tem de ser ele a recuar. Para trás, prosápias tolas.

— Não poderão dar-me algum dinheiro?

«Que prenda» — pensa o pai, ao mesmo tempo desejando que a mulher ceda. E que ceda depressa. É ela que toma as grandes decisões e o menino deve saber coisas.

Como o rapaz está longe! Nos olhos do pai julga ele ver uma frieza decidida, de antes quebrar que torcer. Não há gajo mais casmurro, que raio de pai lhe coube em sorte! Por ali, nada feito.

— Ó mãe, ando sem cheta há tanto tempo! Não seria possível?

O pobrezinho! Quando se trata de arrancar-lhes dinheiro, torna-se o rapazinho dócil de anos antes. Sorriso manso, timidez,

cordura, isso a que o pai chama, com um desgosto irado, o ter a escola toda.

— Escuta, João, tu falaste em alguém com quem a Helena anda, não falaste?

— Pois falei. É uma tipa dos telefones.

— Então trabalha, pelo menos.

Julga o pai que onde trabalho há alguma virtude resta.

— Mas não a achas boa companhia — diz a mãe, a sondá-lo.

— Pois não. Não é com a massa que ela ganha que pode arrear-se assim.

— O que é que pensas então?

— O que é que hei-de pensar? Que anda sempre na farra com quem calha. Desde que haja cacau, está visto. É dessas. O cacau é que conta.

A mãe não quer acreditar. O João exagera. É, no fundo, um garoto. Apesar disso,

— E a Helena? Julgas que faz... a mesma vida?

— A mesma acho que não. Acho que não, não sei. Eu não ando atrás dela, sei lá a vida que ela faz. O pior é que isso às vezes traz complicações. Mas podem dar-me algum dinheiro, ou não?

Outra vez o dinheiro. O pai para trás e para diante, no estreito espaço entre a mesa e a chaminé.

Enquanto a mulher sai da cozinha e vai ao quarto (sabem os três para quê), levanta-se e põe-se lesto, na frente do rapaz.

— Diz-me lá, João, de homem para homem. A tua irmã está metida nalgum sarilho? Que sarilho? Fala enquanto a mãe não volta.

De homem para homem. Que me dizem a isto? Que mudanças! Ou ele se engana muito, ou já se vão chegando.

— Não sei se devo. Não se trai uma irmã.

— Qual trair, João? Tu não percebes? Talvez tenhamos de ajudá-la.

Mas o filho ignora ainda o que se irá passar. Dar-lhe-ão dinheiro? Não darão? E quanto? Adivinha no pai uma vontade a custo reprimida de agarrá-lo pelos cabelos, fazê-lo falar à força. Mas aí, devagarinho. O melhor é fazer que não entende nada, deixar que as coisas se esclareçam.

— O pai sabe. Vocês têm muitos preconceitos. A coisa mais vulgar do mundo é logo uma tragédia. E a Helena é uma mulher, sabe bem o que faz, há-de desenrascar-se.

— De-sen-rascar-se?

A mãe voltou. Com uma nota na mão. E o filho conhece-a bem. É ainda mais dura de roer que o velho. Mas também mais generosa, pelo que pode ver neste momento. Pais porreirinhos afinal, se não fosse a teimosia do assim é que é, assim é que há-de ser. Pesa os prós e os contras, pode perder a oportunidade, está a fazer-se tarde.

— Bom. Se querem a verdade, aí a têm. Mas depois não me chateiem, que eu não tenho nada com o assunto.

— Claro que não. Diz o que sabes.

— Mas fica assente. Não tenho nada com o assunto.

— Vá lá, diz o que sabes.

— Mas não me chateiam mesmo?

Aguça-lhes a curiosidade. Faz render o valor da notícia.

— Já ouviste que não. Diz depressa.

— É que ela andou aí com um sacana...

— Fala doutra maneira.

— Deixa lá — diz a mulher, ansiosa. — Conta tudo, João.

— Não tem muito que contar. O gajo pô-la de barriga, foi preciso desfazer aquilo e as coisas parece que não correram muito bem. É tudo quanto sei.

Não olha os pais. Olha a nota. Julga tê-la ganho honradamente.

O pai mastiga em seco.

— Que estás tu a dizer da tua irmã?

Vai bater no patifório. Não se inventam histórias destas. A Helena é a Helena, a sua filha. E a mulher, mais fria:

— Como é que tu soubeste? Onde está ela?

— Não interessa. Agora já sabem tudo — diz o rapaz, estendendo a mão.

Mas a mãe volta a sentar-se, mete a nota no bolso do avental, nem vê o marido, que cresce para o filho:

— Dá-nos o telefone dela ou não sei que te faço.

— Não tem telefone.

A mãe passa as mãos pela cabeça, puxa para si um copo, enche-o de água. Bebe dois ou três goles, de pálpebras des-cidas. E, a seguir, com calculada lentidão, põe a nota na mesa, abre-a bem sobre a toalha, alisa-a com os dedos, fica a ali-sá-la.

— É mais do que esperavas, não é?

— Talvez. Não sei.

— Diz a verdade.

— É.

— Este dinheiro é teu se nos deres a morada da Helena.

Foi bem levado. Um parvo. Não esperava nada disto. Mas a nota fascina-o.

— E vão dizer-lhe que fui eu?

— Não, está descansado. Diz a morada depressa.

Ele di-la, recebe o seu dinheiro, mete-o rapidamente na algi-beira das calças, não vá a mãe arrepende-se. E dirige-se para a porta.

— Olhem que não foi só pelo dinheiro. Talvez ela precise de vocês.

Estão agora sozinhos. Ele, branco de cal, pega no copo dela, bebe a água toda que lá há. Como estará a filha? Desde quando? Não diz nada porquê?

— Vais tu? Vou eu? Vamos os dois?

A mulher atira com o avental, veste um casaco à pressa.

— Vou eu, pois claro.

— Vamos então os dois. Tu sobes e eu espero. Será mais fácil que esperar aqui.

E vão os dois, com a intuição dum grande perigo, o medo de chegarem tarde. O que irão encontrar? Não é longe. Mas é melhor chamar um táxi.

Duas horas depois, quando ela sai do elevador, pedra presa por um cabo descendo continuamente no vazio até ao fundo dum poço, encontra o marido num degrau da escada, rodeado de pon-tas de cigarro.

— Então?

— Nada de grave. O pior já lá vai.

— Não estás a querer poupar-me?

— Não, sossega. Ela é corajosa. É ainda corajosa. E o pior realmente já lá vai.

Leva-o pela mão até à rua. Levava assim a filha, o filho, até que eles deixaram de precisar do seu apoio, se lhe escaparam da mão, já passaram na verdade muitos anos.

Regressam a pé, por ruas silenciosas da cidade deserta, a passo lento, o braço dela enfiado no dele, como cegos que mutuamente se auxiliam, duas mulas puxando uma carroça muito carregada por uma encosta acima.

Ela evita pormenores. Não fala no aspecto da filha nem mesmo no do quarto. Não lhe conta a emoção com que ela a rece-beu, os abraços, os beijos e a recusa obstinada em voltar para casa deles, mesmo só por uns tempos, até ficar completamente bem. Que queria continuar a fazer a sua vida e sair depois seria ainda mais difícil que da primeira vez. Não lhe diz a sua grande mágoa por não entender nada do que se está passando com a filha, a sua Helena. Como é possível um despego assim? Nem lhe dirá também que o João tinha estado no quarto da irmã no período pior, que se assustara, que quisera avisá-los, mas que ela conseguira dissuadi-lo disso com algum dinheiro. Que não fará aquele moço por dinheiro?

Mas não pode ocultar-lhe o ter ela telefone.

— Tem telefone?

— Felizmente.

— Então o João mentiu.

— Pode ser que não. Talvez não saiba. E foi melhor assim. De outro modo, nunca teríamos vindo, eu não a teria visto.

— E eu? Não posso vê-la?

— Então não há-de poder vê-la? Daqui a poucos dias, ela vem jantar connosco como antes. Prometeu. São só uns dias mais.

E acrescenta, porque isso lhe agrada, que a filha já não tem relações há algum tempo com a tal empregada dos telefones de que o João falou.

Só em casa ele vê o parecer da mulher. Enrugou. Envelheceu.

— Estás tão branca!

— É da luz. Essas ruas estão muito mal iluminadas.

Sentam-se na sala, extenuados. Que silêncio e que vazia a casa!

O João andar­á por fora até às tantas. Para mais, com dinheiro fresco. Tudo se torna claro para a mulher.

— A verdade é que isto tem acontecido a muitos pais. É outro tempo. Temos de aceitar que a vida muda. A gente fala, fala e, quando o mal nos toca pela porta, parece que o Mundo vem abaixo. Não prestamos mesmo para nada.

— É possível.

— Não é possível, é certo.

Mas ele matuta noutras coisas. Duas horas de espera, e às escuras, no degrau duma escada acordam muito do que se julga morto para sempre. Também ele saiu de casa ainda muito jovem. Porque tinha ideias diferentes das dos pais. Queria mudar o mundo. Nunca eles viram isso com bons olhos. O querer mudar o mundo ou o sair ele de casa? O tempo é uma poalha que vai caindo sobre as coisas e que, em vez de encobri-las, as descobre. Um mocetão caminha numa estrada lá para o Norte, há milhares de anos. Não é um saco que carrega. É um velho que já não serve, nem para a guerra, nem para a caça, para nada. Vai atirar com ele para um poço a isso destinado. É o costume. O que está a mais deita-se fora. E, no entanto, é seu pai. Ele o criou, alimentou, sobretudo o amou. Caminha o mocetão e diz-lhe o velho: «Bem sei onde me levas. Levas-me onde eu levei meu pai um dia, onde um dia o teu filho te há-de trazer também.» Alguma coisa muda neste mundo?

O melhor é não falar à mulher na história do casaco e na sua romântica e estúpida excursão pelo bairro que já nem existe. O casaco é o menos. Não voltará ao alfaiate, àquela rua. Perderá o sinal.

Pousa a mão na da mulher, enternecidamente. Como fica aqui bem esta palavra: enternecidamente. As mãos falam. Não precisam de palavras. Falam, falam. Já não têm a Helena. O João está mesmo por um fio. E que é isso de ter uma pessoa?

— Estaremos nós a mais?

— A mais? — diz a mulher. — Não te entendo. Vamos mas é dormir, que amanhã é dia de trabalho.